

Forças que atuam na formação das etnias

por Sandra Seabra Moreira

A partir da leitura de *A Missão das Almas dos Povos*, de Rudolf Steiner, e ao vincular as hierarquias espirituais à formação da raças e povos, com o detalhando das cooperações mútuas entre os seres espirituais, o estudo sobre estes e sobre a História em geral tornou-se mais significativo.

Steiner nos fala que a formação das raças se deu na época lemúrica quando, depois de longos períodos de tempo, o homem saiu da periferia do planeta e entrou efetivamente no plano físico da Terra. As transmissões raciais ocorrem ao longo da era atlântica até a época pós-atlântica. Por outro lado, na atualidade, Steiner nos diz que “as características étnicas começam a dividir e a apagar novamente as características raciais” e que “quando à quinta época evolutiva seguirem-se a sexta e sétima, não mais existirá um estágio da humanidade que poder-se-ia designar de racial”. Talvez por isso seja muito mais proveitoso falar-se em etnia, termo que engloba não só a raça, como a língua, costumes e tradições. Steiner diz que “entre o indivíduo e a raça, está a etnia”.

Hélio Santos, autor de *A Busca de Um Caminho Para o Brasil – A trilha do Círculo Vicioso*, também nos fala sobre o assunto: “A idéia que deverá prevalecer no futuro é a de etnia; a de raça tem cada vez mais a ver com o passado. Quando se fala em grupo étnico, o que se pensa é num conjunto humano com sólido sentido de união (as pessoas sentem que pertencem a um mesmo grupo). Tem-se a mesma cultura; o que envolve a história, o idioma, a tradição com os seus valores todos eles comuns. A idéia de raça é mais árida, pois somos levados a pensar em aspectos físicos”.¹

Aliás, é impressionante observar como o tema “raça” provoca uma espécie de constrangimento ou repulsa nas pessoas. Em dado momento da leitura de Steiner, me deparei com algo que pode explicar essa reação sempre recorrente. É quando ele nos fala do trabalho dos Espíritos da Forma anormais, justamente aqueles que trouxeram ao ser humano as características raciais: “Esses estranhos Espíritos do Movimento, espíritos deslocados ou derrubados, são os primeiros seres espirituais que tecem e flutuam na atmosfera espiritual da Terra, percebendo-se no plano astral”. E, mais adiante: “os Espíritos da Vontade têm as Ondinas; os Querubins têm as Sílfides; os Serafins têm as Salamandras. Mas também os Espíritos da Forma anormais que, no fundo, são Espíritos do Movimento, aparecendo no plano astral como uma espécie de seres espirituais feios, possuem espíritos subordinados. São os espíritos que tecem e vivem no que está relacionado com a formação das raças humanas, o que no ser humano se relaciona com o elemento ligado à terra, ou seja, o elemento ligado à reprodução e a outras funções. Essas entidades e toda a esfera pertencem à parte mais confusa e perigosa do mundo astral; infelizmente é a esfera mais facilmente encontrada pelos que chegam à clarividência por caminhos impróprios. Em primeiro lugar desponta o exército dos espíritos ligados à reprodução das raças e que são membros servidores destas.”

¹ A Busca de Um Caminho para o Brasil – A Trilha do Círculo Vicioso, página 112.

Por um lado, causa uma estranheza enorme relacionar a reprodução humana a odes de espíritos que provocam confusão e perigo. Por outro lado, essa descrição no âmbito astral pode nos fazer antever com quais qualidades de sentimentos vamos lidar quando resolvemos entender as questões de raça.

Entretanto, assim como a humanidade precisa passar pelo processo de diferenciação para, a partir do confronto com as diferenças, no futuro voltar a ser una, assim também é necessário um esforço para entender como se dá essa diferenciação, se quisermos, de alguma forma, colaborar com o trabalho do mundo espiritual.

Steiner explica que a missão dos Espíritos da Forma normais é dar ao ser humano o seu “eu”. Entretanto, devido às suas características, se somente eles agissem na humanidade, os indivíduos teriam várias de suas fases suprimidas ou, mais especificamente, elas aconteceriam no mundo espiritual e não sob as leis físicas. O trabalho desses espíritos é possível no ser humano a partir dos 20 ou 21 anos. Antes disso, portanto nos primeiros três setênios, ou ainda, enquanto acontece o processo encarnatório, os Espíritos da Forma não agem. “Podemos dizer: o primeiro terço da vida humana não é regido pelas entidades espirituais que dominam a evolução da Terra, mas por outras entidades anormais”. São estas entidades anormais que conferem a materialidade, a ligação intensa com a Terra. Se não fosse assim, ou se apenas os Espíritos da Forma agissem livremente, “todos os indivíduos na Terra teriam a mesma figura e natureza: haveria apenas uma humanidade una”.

A ligação com a Terra se traduziu na total dependência dos indivíduos ao local de nascimento. Características geográficas e forças telúricas que nelas atuaram acabaram por plasmar o caráter racial; a partir desta conjuntura, os Espíritos da Forma anormais agiram dando ao indivíduo a consciência terrena. Ainda sob a influência desses seres, os indivíduos desenvolveram a capacidade reprodutiva, criando assim a herança genética racial. A determinação da raça em função de características ambientais é um fenômeno que ocorreu no passado, “ao fim da era lemúrica e no início da era atlântica, ou seja, quando o ser humano era diretamente dependente do ambiente terrestre. Em épocas posteriores, as raças começam a adquirir o caráter de ligação à corrente hereditária e não mais ao lugar”.

Os Espíritos da Forma normais são citados na Bíblia como os Eloins e são em número de sete. Cada um com sua missão, o objetivo final é desenvolver na Terra o equilíbrio com o Amor. Eles agem a partir do Sol, exceto um, Javé ou Jeová, que da Lua criou e lidera o povo semita. Já os Espíritos da Forma anormais têm seus centros nos planetas Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio. De cada um desses centros de influência partem as forças que originaram as raças. Essas forças se dirigem ao centro da Terra e depois, reflexas, atuam no ser humano.

As forças mercuriais e a missão da raça negra

Segundo Steiner, forças de Mercúrio, em colaboração com o trabalho dos Espíritos da Forma normais e anormais, moldaram a raça negra, “acertadamente designada na linguagem oculta como a raça de Mercúrio”. Como citado anteriormente, em vários pontos da Terra se percebe a irradiação das forças providas dos planetas e, uma vez refletidas, atuam a partir do solo. Na África, atuam “forças capazes de agir no ser humano especialmente na primeira infância”, ou seja, “a raça negra foi condicionada por essas influências telúricas correspondentes à infância”.

Os seres espirituais não podem atuar sobre os membros superiores da constituição, e no que se refere à constituição dos caracteres raciais, essa atuação se dá na imagem desses membros no interior do corpo físico: “no sangue, que é a imagem do eu; no sistema nervoso, que é a imagem do corpo astral; e no sistema glandular, que é a imagem do corpo etérico. As forças que vêm a partir de Mercúrio atuam especialmente no sistema glandular, imagem do corpo etérico, e conferem à raça negra suas características.

Ao imaginarmos forças correspondentes à infância, certamente nos vem à mente as forças etéricas; assim como os seres espirituais atuam a partir da imagem do corpo etérico no corpo físico – o sistema glandular – para a formação da raça negra. Ou seja, podemos imaginar que o corpo etérico é o membro da raça negra mais favorecido ou fortalecido. Com essas “pistas” é possível entender alguns aspectos da cultura desses povos.

Por exemplo, a forte tradição oral – entendida pelos europeus e ocidentais em geral pelo seu reverso, ou seja, a falta da escrita – e que abordo no capítulo “Reinvenção do Tempo e do Espaço”. Uma vez que a memória tem sua morada no corpo etérico, é de se imaginar que, se a escrita não foi desenvolvida na mesma medida em que o foi pelos outros povos, talvez tenha sido simplesmente por não haver necessidade. A organização do pensamento parece ter espaço suficiente na memória e ali, no corpo etérico, permanece e se expande. Dada à plasticidade desse campo, não seria insano imaginar que a produção intelectual da África Negra, ao longo do tempo, tenha colaborado para plasmar a grande teia do imaginário coletivo, nesse mesmo nível etérico, porém registrada por outros povos que primeiramente assimilaram a escrita. Outra característica sempre evidenciada é o ritmo – aspecto bastante afim com o corpo etérico – na produção musical e artística, em detrimento da melodia ou harmonia.

J. Lawrence V. Adler, em seu artigo *África – Coração do Mundo*,² comenta a afirmação de Steiner de que “a raça negra transporta os impulsos da Atlântida para os tempos modernos”. Ele diz o seguinte: “Existem algumas evidências que apóiam essa argumentação, se considerarmos as forças de movimento, fortes e instintivas da África, que vêm se infiltrando no ocidente. Os impulsos são a interpenetração de forças subconscientes etéricas e astrais, representando a correlação atual das condições da Atlântida. O modelo involuntário de imprimir ritmo a todas as expressões artísticas, sejam dança, canto, escultura, decoração, construção ou qualquer outra, em motivos repetitivos infundáveis, é um sinal de que as forças etéricas ainda atuam

² *Revelando a África*, página 60

instintivamente, e não entraram no reino do pensamento consciente...Não existe a metamorfose do motivo até chegar ao clímax, como por exemplo, a música ocidental, a arte nórdica e outras expressões semelhantes”. Ele também cita afirmação de Steiner de que assim como a raça negra traz o impulso de Atlântida para a atualidade, igualmente carrega o carma dos acontecimentos ali vividos, já conhecidos de todos, que culminaram com o dilúvio.

Modestamente, eu prefiro acreditar que o ritmo cadenciado traz mais a cura do que a doença. Embora eu desconheça de quais expressões culturais Adler nos fala, imagino que, se *invade* o ocidente, é porque deve ter caráter mais de produto do que de expressão cultural genuína. E, entendendo o produto cultural de massa como algo realizado para explorar as fragilidades humanas, é de se supor que cause mais estragos do que benefícios. Além disso, o consumo está ligado a forças com as quais o ocidental ainda não aprendeu a lidar.

Acerca das forças mercuriais, Adler nos fala que “quando os anciãos falavam de mercúrio, referiam-se às forças da vida; por exemplo, a arte da cura é simbolizada pelos Assistentes de Mercúrio. Para os alquimistas, mercúrio era o líquido aprimorado, e o líquido é o veículo físico das forças da vida. A África praticamente não tem mercúrio e também tem muito pouca água. Será esta outra manifestação de uma relação recíproca? Terá ela forças vitais, forças espirituais de cura que ainda não desceram para a Terra, que ainda não encarnaram?” E ainda, “Será que quando chama a África de Continente de Mercúrio, Rudolf Steiner pretende indicar que ela é portadora espiritual das forças do coração?”

Ao imaginar a África como o coração do Planeta, Adler o faz de maneira brilhante, nos falando de tudo o que flui, especialmente a água. E nos fala justamente da falta total de características físicas, citando como um dos exemplos a *secura* dos rios, para que essa imagem seja real. Assim, só é possível imaginar o continente africano como um coração etérico, que um dia encarnará. Aprendemos com Steiner que o coração não é uma bomba, ao contrário, ele só funciona porque é impulsionado. Então, Adler faz a pergunta: de onde deve vir a força que impulsionará esse coração? E afirma que a *secura* deste “coração” também está presente no íntimo dos seres humanos em todo o mundo.

Reinvenção do tempo e do espaço

Para perceber a essência do povo africano e compreender a presença negra no Brasil “é necessário que você repense seus modelos de reflexão, seus paradigmas, seus preconceitos e as suas opiniões solidamente construídas, porque elas tendem a não corresponder com a realidade”, diz Juarez Tadeu de Paula Xavier³, em palestra/depoimento ministrada ao grupo Pindorama (disponível em www.pindorama.art.br/file/cultura_iouruba.shtml). Ele cita a física quântica. O que é bastante instigante é perceber que há confluências interessantes entre o legado da cultura africana, o que nos traz a Pedagogia Waldorf – principalmente pelo cuidado com a palavra falada – e a desconstrução do mundo cartesiano a partir do desenvolvimento da física quântica ou moderna.

Quais novos paradigmas seriam esses de que nos fala Xavier? Antes de citar os físicos modernos, ele menciona três instrumentos – não teóricos, tampouco epistemológicos – para se chegar à compreensão do que é o negro. O primeiro é se deparar com a oralidade: “Quem não entende a questão da oralidade para as culturas africanas, nunca entenderá a cultura negra. Quem não sacar a importância do oral, da fala, nunca vai entender a profundidade dessas culturas”. O segundo é a relação sincrônica do espaço-tempo concebida pelos africanos e o terceiro é “entender a relação que tudo isso tem com a ancestralidade”.

No dizer de Xavier, “o africano em geral e para o Ioruba em especial, a oralidade não é uma deficiência da capacidade gráfica. Para o africano a oralidade é a eficiência da preservação de uma palavra que lhe foi dada por um ser supremo, chamado Deus pelos ocidentais. A palavra é sagrada e não pode ser deturpada ou negligenciada. O africano acredita que quando recebeu a palavra, sua incumbência foi a de mantê-la de forma integral, e quando ele faz isso, projeta em quem ouve essa força sagrada da mobilização, que para os africanos é uma coisa chamada ‘axé’. Você passa o axé, passa o dínamo da vida pela palavra, pelo hálito. A oralidade tem essa importância porque ela é motivadora, estimuladora, transformadora do Cosmos, do Universo. Ao falar, o africano projeta cenários, ele constrói cenários.”

E a estes cenários construídos pode-se chamar, em determinados contextos, de destinos. “Quando nasce uma criança de tradição Ioruba, o nome dela só pode ser pronunciado pela primeira vez em um local sagrado. Porque o nome dela é a vocação dela. Por exemplo, a minha

³ Juarez Tadeu de Paula Xavier é jornalista formado pela PUC, com mestrado e doutorado na USP. Sua produção intelectual trata do tema da tradição Ioruba no Brasil e em Cuba. É sacerdote da tradição Iorubá, capoeirista do grupo Cativoiro, que trabalha com o legado de grandes mestres como o Pastinha e o mestre Bimba; é membro da Escola de Samba Vai Vai, do bairro da Bela Vista, em São Paulo. É casado, tem “uma mulher maravilhosa e uma filha extraordinariamente bela”. É corinthiano e apaixonado por futebol.

filha se chama Boladi, que é alguma coisa parecida com ‘aquela que despertou com o ovo e trouxe alegria, felicidade, honradez e sacralidade para o lar dos pais’. E para o Iorubá, quando você pronuncia o código, este começa a conspirar a favor, para que esse destino se realize. A palavra tem poder.”

Oralidade e memória têm intrínsecas relações, flagradas em depoimento do etnólogo malinês Hampaté Bâ, em sua autobiografia *Amkoullel, o menino fula*: “É que a memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e precisão prodigiosas. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. Quando descrevo o traje do primeiro comandante de circunscrição francês que vi de perto em minha infância, por exemplo, não preciso me ‘lembrar’, eu o vejo em uma espécie de tela de cinema interior e basta contar o que vejo. Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente o conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra que o Griot Diêli Maadi tocava enquanto Wangrin me contava sua vida e que ainda escuto agora... Quando se reconstitui um acontecimento, o filme gravado desenrola-se do começo ao fim, por inteiro. Por isso é muito difícil para um africano da minha geração ‘resumir’. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito.”⁴

Tempo sincrônico

“O africano tem uma relação de espaço-tempo que eu gosto de chamar de sincrônica, não no sentido da psicanálise, mas em outro sentido. O africano acredita que o seu mundo se desenvolve de forma simultânea em espaços distintos. Ele acredita que há um mundo onde está o sagrado, onde estão os ancestrais, as coisas mais importantes da vida dele. É um mundo onde ele desempenha sua trama de história e um mundo condiciona o outro, eles não são estanques; são distintos, mas não são separados. Isso é fundamental para entender a reinvenção da África no Brasil. O africano acredita que seu universo cosmológico e seu mapa geográfico precisam ser reinventados no lugar onde ele está”, diz Xavier, que aponta a física quântica como instrumento teórico para entender esse aspecto da alma africana.

A física quântica nos traz que as partículas subatômicas não são grãos isolados de matéria, *mas* “modelos de probabilidade, interconexões numa inseparável

⁴ Este depoimento de Amadou Hampaté Bâ constitui o prólogo do seu livro *AmKoullel, o menino Fula*.

teia cósmica”⁵. E se há a possibilidade de reinvenção é porque nessa teia cósmica se “inclui o observador humano e sua consciência”.⁶

Foi a partir da teoria da relatividade de Einstein⁷ que essa teia cósmica ganhou vida, pois que revelou “seu caráter intrinsecamente dinâmico, ao mostrar que sua atividade é a própria essência do seu ser”⁸, tal premissa levou a física moderna a conceber a imagem do universo como um todo dinâmico e indivisível, “cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico”⁹. Tal concepção transcende a visão do universo como uma máquina. Não é de se estranhar, portanto, que em um mundo regido por leis do pensamento cartesiano-newtoniano o povo africano tenha sucumbido.

Assim como o espaço geográfico, o tempo também tem outra dimensão para os africanos. Hampaté Bâ nos diz que “a cronologia não é uma grande preocupação dos africanos... Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como uma experiência atual de forma quase intemporal, às vezes surge certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. Mas nós nos encaixamos perfeitamente nele. Sentimo-nos à vontade como peixes num mar onde as moléculas de água se misturam para formar um todo vivo”.

Outro fato que Hampaté Bâ imagina incomodar os ocidentais que se aventuram nas narrativas africanas é a “freqüente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos... Antigamente não era raro ver um homem chegar a pé de uma aldeia distante apenas para trazer a alguém um aviso ou instruções a seu respeito que havia recebido em sonhos. Feito isto, simplesmente retornava, como um carteiro que tivesse vindo entregar uma carta ao destinatário”.

O incômodo ou inquietação dos ocidentais em relação à facilidade com que os africanos caminham entre passado, presente e futuro está muito bem expresso no dizer de Fritjof Capra: “Os físicos de hoje vêm convivendo já há muitos anos com a teoria da relatividade e estão inteiramente familiarizados com seu formalismo matemático. Não obstante, isso não veio contribuir para a nossa intuição. Não temos uma experiência sensorial direta do espaço-tempo quadridimensional, e sempre que essa realidade relativística se manifesta – isto é, em todas as situações onde altas

⁵ *Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, página 86

⁶ Idem

⁷ Albert Einstein marcou o início da Física Moderna em 1905, ao publicar dois artigos. Um trazia a teoria especial da relatividade (que 10 anos depois se tornaria a Teoria Geral da Relatividade) e o outro uma nova abordagem para a radiação eletromagnética, oferecendo assim a base para o desenvolvimento da física quântica, que estuda os eventos atômicos.

⁸ *Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, página 86

⁹ Idem

velocidades estão envolvidas – temos grande dificuldade em lidar com ela no nível da intuição e da linguagem comum.”¹⁰

Após reiteradas tentativas, os físicos chegam muito perto do que parece ser a comprovação da possibilidade de se inverter a ordem cronológica: “Um exemplo extremo de tal situação ocorre na eletrodinâmica quântica, uma das mais bem-sucedidas teorias relativísticas da física das partículas, em que as antipartículas podem ser interpretadas como partículas que retrocedem no tempo. De acordo com essa teoria, a mesma expressão matemática descreve um pósitron – a antipartícula do elétron – movendo-se do passado para o futuro ou um elétron movendo-se do futuro para o passado. As interações das partículas podem estender-se em qualquer direção do espaço-tempo quadridimensional, deslocando-se para trás e para frente no tempo tal como se movimentam para a esquerda e para a direita no espaço. Para descrever essas interações necessitamos de mapas quadridimensionais que abranjam toda a extensão do tempo, assim como toda a região do espaço. Esses mapas, conhecidos como diagrama espaço-tempo, não incluem uma direção definida do tempo. Por conseguinte, não há ‘antes’ ou ‘depois’ nos processos que descrevem e, assim, nenhuma relação linear de causa e efeito. Todos os eventos estão interligados, mas as conexões não são causais no sentido clássico”.¹¹

Este conceito de reversibilidade do tempo está presente em textos sagrados de alguns povos africanos há mais de dois mil anos. De acordo com Xavier, uma frase, espécie de louvor a Exú, traz muito bem essa idéia: “Ele matou um pássaro ontem, com uma pedra que somente hoje atirou.”

Para além da física moderna, essencialmente, a cultura da África e a maneira com que os africanos sobreviveram culturalmente no Brasil são fenômenos que nos convidam a entender a força – sagrada – da palavra falada e de como ela adentra e atua na alma; e a possibilidade de reinvenção de uma cultura a partir da percepção, ou ainda, certeza – porque fundamentada na fé – da existência do mundo espiritual. Uma certeza que se traduz em perseverança inabalável na luta por liberdade, tanto na África quanto no Brasil.

A propósito de Einstein

Steiner faz críticas à Teoria da Relatividade. Ele advertia, em 1924, de que “Nos livros de Einstein é até mesmo possível encontrar referências ao que acontece a um relógio deixado no espaço com a velocidade da luz, e o que lhe acontece quando retorna. Mas quero poder olhar atentamente para tal relógio com base na realidade, ver como se comporta ao viajar com essa velocidade e vê-lo retornar. É importante que nosso pensamento nunca se afaste da realidade”¹².

E, como que antevendo as peripécias dos físicos daquele século, Steiner afirma que “aquele que consegue pensar a realidade

¹⁰ Idem, página 84

¹¹ *OPonto de Mutação*, Fritjof Capra, página 84

¹² *A Arte de Educar - Baseada na Compreensão do Ser Humano*, Rudolf Steiner, página 117

corretamente pode, por vezes, sofrer dores terríveis”¹³. Foi justamente a busca dessa realidade que fez com que os físicos, ao longo das primeiras décadas do século XX e depois de formulada a Teoria da Relatividade, se desesperassem, sofressem “dores terríveis”, principalmente a partir da exploração do mundo atômico e subatômico: “Todas as vezes que faziam uma pergunta à natureza, num experimento atômico, a natureza respondia com um paradoxo, e, quanto mais eles se esforçavam para esclarecer a situação, mais agudos os paradoxos se tornavam”.¹⁴

Steiner não pôde, em vida, acompanhar a trajetória penosa dos físicos modernos, que até agora tentam adequar a movimentação das partículas subatômicas a uma equação matemática. O certo, entretanto, é que a evolução da Física Moderna trouxe conceitos novos, como a abordagem *bootstrap*, de cunho filosófico, para a qual “a natureza não pode ser reduzida a entidades fundamentais, como elementos fundamentais da matéria, mas tem de ser inteiramente entendida através da autocoerência. A física tem de submeter-se, toda ela, unicamente à exigência de que todos os seus componentes sejam mutuamente coerentes – e coerentes consigo mesmos”. Embora para os físicos continue sendo muito difícil provar essa realidade, filosoficamente a idéia chega muito próxima do pensamento místico ou ainda de tradições como a budista e as africanas.

À seguir, trecho de depoimento do etnólogo malinês Amadou Hampâté Bá, em que ele caracteriza a educação tradicional africana, infelizmente, em vias de extinção. Chama a atenção os pontos comuns entre essa educação tradicional e as premissas da Pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner.

A educação tradicional na Áfricaⁱ

Amadou Hampâté Báⁱⁱ

Quando fui nomeado membro do Conselho Executivo da Unesco, atribuí-me o objetivo de falar aos europeus sobre a tradição africana enquanto cultura. A coisa era um tanto difícil, já que na tradição ocidental foi estabelecido firmemente que, onde não há escrita, não há cultura. A prova da dificuldade é que, a primeira vez que propus que se considerassem as tradições orais como fontes históricas e fontes de cultura, provoquei apenas sorrisos. Alguns chegaram a perguntar, com ironia, que proveito a Europa poderia tirar das tradições africanas!

¹³ *Idem.*

¹⁴ *O Ponto de Mutação*, Fritjof Capra, página 71

Lembro-me de haver respondido: "A alegria, que vocês perderam". Talvez pudéssemos acrescentar hoje em dia: "Uma certa dimensão humana, que a civilização tecnológica moderna está prestes a fazer desaparecer".

O fato de não possuir uma escrita não priva a África de ter um passado e um conhecimento. Como dizia meu mestre, Tierno Bokar: "A escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que nossos ancestrais puderam conhecer e que nos transmitiram em germe, exatamente como o baobá, que já está contido em potência em sua semente".

Evidentemente, este conhecimento herdado e transmitido oralmente pode desenvolver-se ou estiolar-se. Desenvolve-se onde existem centros de iniciação e jovens para receber a formação. Perde-se sempre que a iniciação desaparece.

O conhecimento africano é imenso, variado. Concerne a todos os aspectos da vida. O "sábio" não é jamais um "especialista". É um generalista. O mesmo ancião, por exemplo, terá conhecimentos tanto em farmacopéia, em "ciência das terras" - propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de terra - e em "ciência das águas", como em astronomia, em cosmogonia, em psicologia etc. Podemos falar, portanto, de uma "ciência da vida": a vida sendo concebida como uma unidade onde tudo está interligado, interdependente e interagindo.

Na África, tudo é "História". A grande História da vida comporta seções que serão, por exemplo: a história das terras e das águas (a geografia), a história dos vegetais (a botânica e a farmacopéia), a história dos "filhos do seio da terra" (a mineralogia), a história dos astros (astronomia, astrologia) etc. Estes conhecimentos são sempre concretos e dão lugar a utilizações práticas. Na ordem dos conhecimentos, começa-se "por baixo", pelos seres e as coisas menos desenvolvidas ou menos animadas em relação ao homem, para "subir" até o homem.

A terra, considerada o "umbigo" do mundo, é o *habitat* principal de três tipos de seres. Vale dizer, é o *habitat* de três modos de manifestação da vida:

- 1) No fundo da escala, encontramos os seres inanimados, ditos "mudos", dos quais a linguagem é considerada como oculta, sendo incompreensível ou inaudível para o comum dos mortais. É o mundo de tudo o que está contido na superfície da terra (areia, água etc.) ou em seu seio (minerais, metais etc.)

- 2) Vêm em seguida os seres "animados imóveis". Tratam-se dos viventes que não mudam de lugar. São os vegetais, que podem estender e espalhar seus braços no espaço, mas dos quais o caule ou tronco não pode se mover.

3) Enfim, os "animados móveis", que vão do mais minúsculo animal até ao homem, passando por todas as classes de animais.

Cada uma dessas categorias encontra-se subdividida em três grupos:

1) Entre os inanimados mudos, encontramos os inanimados sólidos, os inanimados líquidos e os inanimados gasosos (literalmente: "fumegantes").

2) Entre os animados imóveis, encontramos os vegetais rasteiros, os vegetais trepadores e os vegetais de sustentação vertical, que constituem a classe superior.

3) Os animados móveis compreendem os animais terrestres (entre os quais os animais invertebrados, como os vermes, e os animais vertebrados), os animais aquáticos e as aves.

Essas nove classes de seres constituem períodos de ensino específicos, mas que não são forçosamente sucessivos ou progressivos. O ensinamento é com efeito associado à vida e dispensado ao sabor das circunstâncias que se apresentam. Se, por exemplo, uma serpente surgir inesperadamente de uma moita, será a ocasião, para o velho mestre, de proferir uma lição sobre a serpente. Conforme seu auditório seja constituído de crianças ou de adultos, ele orientará diferentemente seu discurso. Ele poderá falar das lendas da serpente, ou dos remédios que podem curar sua mordida. Se ele estiver cercado de crianças, se estenderá de bom grado sobre os perigos da serpente, para que aprendam a proteger-se.

O estudo da terra, das águas, da atmosfera e de tudo que elas contêm enquanto manifestações de vida, constitui o conjunto dos conhecimentos humanos, legados pela tradição. Mas a maior de todas as "histórias", a mais desenvolvida, a mais significativa, é a história do ser humano, que se encontra no topo dos "animados móveis".

É o conhecimento do homem e a aplicação deste conhecimento na vida prática que faz do homem um ser "superior" na escala dos seres vivos. É somente então que se pode dizer que ele esteja no estado de *neddaaku* (na língua fula) ou de *maayaa* (no idioma bambara), isto é, no estado de *homem completo*.

A história do ser humano compreende, de um lado, os grandes mitos da criação do homem e de sua aparição sobre a terra, com o significado do lugar que ele ocupa no seio do universo, o papel que ali ele deve desempenhar - essencialmente um papel axial de equilíbrio - e sua relação com as forças de vida que o rodeiam e que o habitam. Compreende, por outro lado, a história dos grandes ancestrais, os inumeráveis contos educativos, iniciáticos e simbólicos e, enfim, a história propriamente dita, com as grandes tradições das realezas, as crônicas históricas, as epopéias e assim por diante.

A tradição transmitida oralmente é tão precisa e tão rigorosa que se pode, com diversas confirmações, reconstituir os grandes acontecimentos dos séculos passados nos mínimos detalhes, especialmente a vida dos grandes impérios ou dos grandes homens que ilustraram a história africana. (...)

Nas civilizações orais, a palavra compromete o homem, a palavra é o homem. Daí o respeito profundo pelas narrativas tradicionais legadas pelo passado, nas quais é permitido o ornamento na forma ou na apresentação poética, mas onde a trama permanece imutável através dos séculos, veiculada por uma memória prodigiosa que é a característica própria dos povos de tradição oral. Na civilização moderna, o papel substituiu a palavra. É ele que compromete o homem.

Mas é possível afirmar, com toda certeza e nessas condições, que a fonte escrita é mais digna de confiança que a fonte oral, constantemente controlada pelo meio tradicional?

É útil precisar que na África, o lado visível e aparente das coisas corresponde sempre a um aspecto invisível e escondido, que é como a sua fonte ou o seu princípio. Assim como o dia nasce da noite, todas as coisas comportam um aspecto diurno e um noturno, uma face aparente e uma escondida. A cada ciência aparente corresponderá, então, sempre uma ciência muito mais profunda, especulativa - podemos dizer, esotérica -, baseada na concepção fundamental da unidade da vida e da inter-relação, no seio desta unidade, de todos os diferentes níveis de existência. Existe aí um domínio que, por ser menos facilmente explorável, merece ser mais aprofundado e pesquisado, antes que os últimos depositários desta ciência desapareçam.

O conhecimento africano é um conhecimento *global*, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta "ciência do invisível", autenticada pelas correntes de transmissão iniciática.

Outrora, este conhecimento era transmitido regularmente de geração em geração, mediante ritos de iniciação e pelas diferentes formas de educação tradicional. Esta transmissão regular foi interrompida devido a uma ação exterior, extra-africana: o impacto da colonização. Esta, chegando com sua superioridade tecnológica, com seus métodos e seu ideal de vida próprios, fez de tudo para impor seu próprio jeito de viver àquele dos africanos. Como jamais se semeia em terras não preparadas, as potências coloniais foram obrigadas a "roçar" a tradição africana para poder plantar sua própria tradição.

A escola ocidental começou, portanto, combatendo a escola tradicional africana e perseguindo os detentores do conhecimento tradicional. Foi a época em que todos os curandeiros foram jogados nas

prisões como "charlatões" ou por "exercício ilegal da medicina"... Foi também a época na qual se impedia às crianças de falar sua língua materna, com o propósito de afastá-las das influências tradicionais. Isso chegou a tal ponto que, na escola, a criança que fosse surpreendida falando sua língua materna recebia pendurado no pescoço um quadro chamado "símbolo", no qual estava desenhada uma cabeça de burro, e ficava privada do almoço...

Os grãos desta nova tradição, uma vez semeados, cresceram e deram frutos. É por isso que a jovem África, nascida da escola ocidental, tem tendência a viver e a pensar de modo europeu, pelo que não podemos repreendê-la, pois é apenas o que ela conhece. O aluno vive sempre de acordo com as regras de sua escola.

Na época colonial, a transmissão iniciática, que se fazia outrora às claras e de uma maneira regular, teve que refugiar-se numa espécie de clandestinidade. Pouco a pouco, o afastamento das crianças de suas famílias fez com que os anciãos não encontrassem mais à sua volta jovens suscetíveis de receber os ensinamentos. A iniciação saiu das cidades para refugiar-se no campo. Mas o golpe de misericórdia lhe foi dado por ocasião da independência, com a base de idéias e ideologias exclusivamente européias.

Enquanto o colonialismo, com efeito, suscitava reservas e penetrava pouco no campo, estas mesmas idéias européias, veiculadas por partidos políticos modernos, mobilizaram massas até o mais recôndito vilarejo, de tal maneira que a transmissão quase não encontra mais terreno onde possa ser exercida.

Numa época em que diversos países do mundo, por intermédio da Unesco, consagram recursos financeiros e esforços materiais para salvar os grandes monumentos históricos ameaçados, não seria ainda mais urgente salvar o prodigioso capital de conhecimentos e de cultura humana acumulado, ao longo de milênios, nesses frágeis monumentos que são os homens, e do qual os últimos depositários estão desaparecendo?

Em nossos dias, devido à ruptura na transmissão tradicional, quando um desses sábios anciãos desaparece, são todos os seus conhecimentos que são devorados com ele pela noite. Eu não desejo isso nem para a África, nem para a humanidade. ...ⁱⁱⁱ

ⁱ (Com tradução de Daniela Moreau, esse texto foi originalmente editado em francês como capítulo do livro *Aspects de La Civilization Africaine*, Paris, Ed. Présence Africaine, 1972 e publicado em português na revista Thot, nº 64, 1997. Está disponível no site Casa das Áfricas.org.br)